

Pensamento sócio-antropológico: método, pesquisa de campo, etnografia

Albeiro Mejia Trujillo

Pós-Doutorado em Linguística pela PUC/SP, Mestre e Doutor em Literatura pela UnB, Graduado em Letras e em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília. Professor universitário e Consultor junto à OEI/SESu-MEC. malbeiro@yahoo.com.br

Resumo— Neste artigo são expostos aspectos gerais do pensamento sócio-antropológico contemporâneo, sendo que para isso são apresentados os três principais eixos dos estudos antropológicos englobados na Paleontologia, na Arqueologia e na Antropologia Social. O primeiro ponto desenvolvido aborda a construção do objeto antropológico na perspectiva de Durkheim e Leach como representantes das escolas francesa e britânica de antropologia, respectivamente. Na sequência é apresentado o confronto entre Malinowski e Leach quanto a sua forma de fazer etnografia. Posteriormente é abordada a perspectiva de Lévi-Strauss e de Evans Pritchard na forma de analisar os aspectos simbólicos da cultura. Finalmente é apresentado um rápido recorte dos evolucionismos lamarckiano e darwinista como precursores das primeiras escolas de antropologia.

Palavras-Chave: Antropologia; Método antropológico; Pesquisa de campo; Etnografia; Cultura.

Socio-anthropological thought: method, field research, ethnography

Abstract— At this paper we present general aspects of contemporary socio-anthropological thought, and for that shows the three main axes of anthropological studies encompassed in Paleontology in Archaeology and Social Anthropology. The first point addresses developed the construction of the anthropological object from the perspective of Durkheim and Leach as representatives of the French and British schools of anthropology, respectively. Following shows the confrontation between Malinowski and Leach as their way of doing ethnography. Subsequently it is discussed the prospect of Lévi-Strauss and Evans Pritchard in order to analyze the symbolic aspects of culture. Finally we present a fast cut the Lamarckian and Darwinian evolutionism as precursors of the first anthropology schools.

Keywords— Anthropology; Anthropological method; Field research; Ethnography; Culture.

I. INTRODUÇÃO

O ser humano inicia a sua caminhada rumo ao conhecimento mediante suas especulações cosmogônicas, posteriormente pelas teogonias e, finalmente encontra seu rumo enveredando no mundo das antropogonias. Para explicar a sua origem, o homem mergulha no universo cosmológico e teológico como agente passivo, ora do surgimento espontâneo e situacional, ora como produto da vontade criadora de um ser onipotente. O pensamento antropológico permitiu que o homem concebesse autonomamente seu próprio ser e experienciasse sua existência enquanto artífice de seu destino.

O homem que é caracterizado como um ser essencialmente social constituiu diversas ciências que abordam os aspectos da coletividade que definem o comportamento dos organismos. Os fenômenos sociais, numa perspectiva sociológica, são abordados no plano em que eles possam ser descritos objetivamente através das propriedades do grupo, no meio ambiente dos organismos e dos processos que ocorrem no interior do grupo. A

perspectiva antropológica, por sua vez, pauta-se menos no fenômeno social enquanto processo positivo do grupo, e foca na instância cultural como definidora dos diversos padrões de coabitação em que são produzidos mitos, lendas, artes, símbolos, religiões, ideologias, valores e costumes.

A produção de saberes antropológicos teve momentos de formulações teóricas e de definições metodológicas que se podem chamar de procedimentos de gabinete. Porém, a essência da epistemologia antropológica encontra-se no “campo”, sendo que por campo, na Antropologia, entende-se rigorosamente o estudo *in loco* dos fatores que determinam os modos de convivência humana. Descrever um ritual religioso, participar de uma dança, comemorar a caçada que fornece o alimento do dia, enfeitar-se para ser belo ou aterrorizante, vivenciar o respeito pelos ancestrais, experimentar a cura pelo espírito da natureza invocado pelo grande espírito da comunidade etc., é muito diferente

de ser formulador de saberes pré-concebidos na perspectiva de um observador externo.

A pesquisa antropológica encontra-se ramificada em três grandes eixos: o paleontológico, o arqueológico, e o social / cultural. O primeiro eixo, ou paleontológico, busca descobrir os modos de convivência social, as tradições culinárias, as formas de adaptação ao meio etc., mediante a exploração do **antigo distante** (παλαιός) que pode ser considerado acima de cinco mil anos de antiguidade. O segundo eixo, ou arqueológico, mediante a exploração do **antigo recente** (αρκαίός), até cinco mil anos, descreve as formas de vida daqueles grupos que não se têm registros de sua existência, e que através do trabalho de campo são descobertos seus vestígios de existência em escavações. As interpretações dos fatos variam conforme as tendências epistemológicas do arqueólogo ou paleontólogo, assim como também acontece na antropologia social / cultural como será apresentado na sequência mediante alguns modelos de construção do objeto antropológico.

II. CONSTRUÇÃO DO OBJETO ANTROPOLÓGICO SEGUNDO DURKHEIM E LEACH

Fazer um paralelo entre Émile Durkheim e Edmund Ronald Leach implica justapor duas escolas herdeiras dos denominados paradigmas antropológicos da ordem¹. O primeiro faz parte do paradigma racionalista que é orientador da Escola Francesa de Sociologia. O segundo, por sua vez, é um dos representantes do paradigma estrutural-funcionalista que posteriormente orientaria a Escola Britânica de Antropologia Social.

As ciências sociais, herdeiras do positivismo comtiano, aplicam-se na concepção de uma razão que pretende alcançar um conhecimento objetivo e caracterizou o que se poderia chamar de “espírito científico”. Este espírito incentiva modalidades de procedimentos que, em Durkheim, pode ser caracterizado como metodológico, e em Leach como modelo Empirista.

A Escola Francesa – e nela Durkheim – preocupa-se tanto com a organização social (tipos de solidariedade) quanto com a descoberta das “formas elementares” ordenadoras do pensamento primitivo. Esta escola distancia-se da preocupação com o tempo, ignorando-o enquanto tempo histórico. Durkheim que nunca fez trabalho de campo estava preocupado em criar modelos explicativos da estrutura social ampla e generalizante, o que, de certa forma, marcou a perspectiva sociológica de seu tempo, marcando também, segundo Roberto da Matta,

a dicotomia do trabalho de Edmund Ronald Leach e da Antropologia Social Inglesa, posto que sempre buscou abarcar a totalidade dos sistemas que estudou; além de buscar também outros elementos abstratos tais como as emoções, os sentimentos e, como diria Lévi-Strauss: a estrutura mental profunda.

Quando Durkheim fala da origem da religião, não se refere a uma sequência histórica ou etapas cronológicas, mas de formas elementares que obedecem a uma lógica na sua estruturação. Esta forma de estudar a origem das religiões aponta para a inegável influência que o evolucionismo exerceu sobre este autor. A religião é estudada por ele como um fenômeno social que não aparece no início da evolução do pensamento humano como pretende mostrar Comte.

(...) se a tomamos (a religião) como objeto de nossa pesquisa é que nos pareceu mais apta que outra qualquer para fazer entender a natureza religiosa do homem, isto é, para nos revelar um aspecto essencial e permanente da humanidade (DURKHEIM: 1996, Introdução).

Essa citação nos faz entender a crítica de Leach à Antropologia teórica. Segundo este autor “as estruturas que o antropólogo descreve são modelos que existem apenas em sua própria mente na forma de estruturas lógicas. Muito mais difícil é relacionar tal abstração com os dados do trabalho empírico de campo. Como podemos ter certeza de que um modelo formal e particular se ajusta aos fatos melhor do que qualquer modelo possível?” (LEACH: 1996, p. 68).

Leach posiciona-se contrariamente à exclusão da história da análise antropológica. Suas críticas não vão somente contra a perspectiva evolucionista e estruturalista, mas também contra o “presentismo” malinowskiano, muito embora Malinowski tenha sido o grande mentor de Leach em seus trabalhos primordiais. Os modelos lógicos e a-históricos descrevem sociedades em perfeito equilíbrio no tempo e estáticas no espaço. Segundo Leach “as sociedades reais não podem jamais estar em equilíbrio” (LEACH: 1996, p. 68), porque são históricas e se movimentam no espaço e no tempo.

As pesquisas de “gabinete” como as desenvolvidas por Durkheim não são aceitas por Leach como herdeiro de Malinowski e membro da Escola Britânica, para a qual o trabalho de campo constitui-se não apenas numa prática fundamental para a Antropologia, mas sobre tudo num valor que se transmitiria para todos os componentes da Escola Britânica de Antropologia Social. Para Leach quando o antropólogo tenta descrever um sistema social, ele descreve necessariamente apenas um modelo da

¹ Sobre este assunto ver artigo de Roberto Cardoso de Oliveira intitulado *A categoria da (des)ordem e a pós-modernidade na Antropologia*, publicado no anuário Antropológico 86.

realidade social em movimento e não a realidade em equilíbrio.

Na obra de Durkheim encontra-se uma sistemática formulação dos parâmetros legitimadores de um conhecimento objetivo que tem como consequência a afirmação do racionalismo nas ciências sociais. Essa erradicação é possível pela constituição do objeto de estudo a partir de categorias (modelos) “universais” formulados não no campo, mas no escritório ou, quando muito, a partir de material etnográfico coletado por auxiliares do antropólogo. A análise isolada de objetos componentes da cultura de um povo, fora da dinâmica da vida, poderia permitir certa “neutralidade” na configuração dos modelos.

Diferentemente de Durkheim, Leach trabalha com as categorias “espaço” e “tempo”, como em seu trabalho *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. As sociedades que são analisadas pela história como decadentes, em geral, são vistas por antropólogos como sociedades ricas. Isto porque se parte de uma observação que não leva em consideração a mudança, ou seja, os povos são vistos como estando em equilíbrio.

Leach quer provar que os escritos antropológicos sobre os diferentes povos mostram que as culturas descritas são o que são agora e para sempre (equilíbrio estável) e uma sociedade em equilíbrio não é, para ele, real. Essa predisposição a favorecer as interpretações do ‘equilíbrio’ decorre da natureza e dos materiais do antropólogo e das condições sob as quais ele executa seu trabalho, o que marca definitivamente a questão da dicotomia ou diferença na extensão e diversidade de trabalhos antropológicos de Leach, frente às preocupações sociológicas de Durkheim.

Para Leach, (1996, p. 71), “o antropólogo social normalmente estuda a população de um local particular em um determinado ponto do tempo e não está preocupado com a probabilidade de ser ou não a mesma localidade estudada de novo por outros pesquisadores em datas posteriores. Assim, têm-se estudos das sociedades Trobriand e não das sociedades Trobriand de 1914”, de Malinowski. Deste modo Leach constitui seu objeto de estudo a partir das categorias de espaço e tempo, enquanto Durkheim o constitui a partir de modelos de representação social em constante equilíbrio e coesão.

III. MALINOWSKI E LEACH: DOIS MODOS DE FAZER ETNOGRAFIA

A antropologia desde seus primórdios vem construindo paulatinamente, o seu objeto de estudo. No entanto, quando nos referimos ao método de pesquisa, podemos perceber que a Antropologia desde então manteve um diálogo constante com outras áreas do conhecimento tais como a filosofia, a história, a

sociologia, a psicologia e a linguística. Historicamente a influência do evolucionismo delineia uma postura em que o evento e as particularidades e, as diferenças ou mudanças, não têm lugar na análise antropológica.

Na primeira fase da Antropologia, o objeto de pesquisa era constituído a partir de materiais coletados por leigos e auxiliares de pesquisa que não tinham o preparo necessário para a seleção qualitativa dos materiais. Geralmente, as informações utilizadas pelos antropólogos eram provenientes de relatos de viajantes que apresentavam comentários subjetivos e, muitas vezes, produto de sua própria imaginação. Por isso a Antropologia buscou modelos sistemáticos, metódicos e racionais, os quais, também, levariam à constituição de modelos sociais estáticos, já que o antropólogo não interagira no espaço e no tempo com seu objeto de estudo. Sendo assim, as estruturas mecânicas utilizadas para definir as diferentes culturas, não passavam de construções abstratas de sociedades que existiam no papel, porém, não na realidade.

A Antropologia Social Britânica inaugura, com Malinowski, uma nova forma de fazer antropologia, por meio do trabalho de campo. O trabalho de campo que inicialmente teve muitas resistências – já que muitos antropólogos, inclusive velhos mestres de Malinowski com Sir James Frazer, por exemplo, quando saíam para “campo” permaneciam nos navios enquanto seus auxiliares coletavam as informações que serviriam de base para a construção dos modelos sociais – passou a ser uma prática fundamental na antropologia e um valor que seria transmitido aos componentes da Escola Britânica, entre os quais se conta Edmund Ronald Leach, entre tantos outros.

Malinowski em seu extenso trabalho de campo pretendeu provar que o homem primitivo possuía, também, a capacidade para o pensamento abstrato e desinteressado. Para isso desenvolve sua pesquisa, especialmente junto aos trobriandeses, no Pacífico ocidental, em 1914. Sua análise do ritual do **Kula** (Argonautas do Pacífico Ocidental) é apresentada como uma forma de organização das estruturas econômicas dos habitantes das Ilhas Trobriand, e não simplesmente como um ritual religioso sem maiores implicações sociológicas, como poderia parecer aos olhos de um observador transeunte.

Discípulo de Malinowski, Leach parte do pressuposto que o homem primitivo é capaz de pensamento simbólico e não considera necessário trabalhar com base na preocupação de seu mestre. Seu trabalho *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*, a respeito dos KACHINS e seus vizinhos, os CHANS, nas montanhas da Birmânia, constitui uma inovadora maneira

de pensar os problemas da antropologia social. Neste caso sua análise devota-se sobre as estruturas sociais do poder.

Edmund Leach em *Sistemas políticos da alta Birmânia* apresentou um ponto de vista distinto daquele que então prevalecia na Antropologia Social Inglesa e fez questão de tornar explícitas as divergências com seus pares. Ao pressuposto de equilíbrio dos sistemas sociais que servia de base à literatura antropológica, contrapôs a visão de “realidades sociais repletas de incoerências”.

Entre os alvos da crítica de Leach conta-se Radcliffe-Brown. Para Leach quando pensadores que “usam o conceito de estrutura social como uma categoria por meio da qual se pode comparar uma sociedade com outra pressupõem, na verdade, que as sociedades de que tratam existem durante todo o tempo em equilíbrio estável” (LEACH: 1996, p. 67). Para Radcliffe-Brown a história e as concepções evolucionistas constituem a percepção da ameaça do tempo. Este é expressão de movimento, de mudança e não de equilíbrio. Se o tempo se introduzir nas análises antropológicas, compromete a validade das estruturas abstratas que definem o funcionamento dos povos estudados.

Leach criticou os modelos elaborados pelos antropólogos desqualificando-os como simples formalizações e as tribos tomadas como objeto de análise tratou-as como ficções etnográficas. Contra essas “ficções” argumenta dizendo que “os sistemas sociais só se tornam inteligíveis quando pensados em relação aos outros sistemas com os quais interagem” (LEACH: 1996, p. 9). Partindo desse pressuposto, só é possível compreender uma sociedade em movimento e, como existe grande dificuldade para compreender o outro, é provável que somente chegemos a entender aspectos de um povo, embora tivesse a pretensão de construir estruturas universalmente válidas. Nesse ponto Leach difere de seu mestre Malinowski, já que este achava, pelo menos teoricamente, que era possível conhecer o outro como ele é, entender o ponto de vista dos nativos.

As sociedades reais existem no espaço e no tempo. As situações demográfica, ecológica, econômica e de política externa não se estruturam num ambiente fixo, mas num ambiente de constante mudança. Toda sociedade real é, para Leach, um processo no tempo. Isso implica que a história não deve ser banida da análise antropológica e, a etnografia deve salientar o contexto crono-tópico em que acontece a observação. Malinowski é acusado de “presentista”, isto é, de focalizar o aqui e agora sem relação ao passado ou ao futuro. O presentismo da história pretende transportar o leitor para um passado que se torna atual. Malinowski está interessado em trabalhar o presente absoluto e aí encontramos mais uma diferença com Leach que admite e recomenda que se leve

em consideração os diferentes momentos históricos pelos quais passou o objeto de estudo.

Para concluir, outra das diferenças entre Leach e Malinowski na maneira de fazer etnografia, refere-se à extensão de tempo da pesquisa, já que este fazia trabalhos demasiadamente extensos, chegando a durar até quinze (15) anos na realização de um trabalho de campo, enquanto o primeiro realizava trabalhos de menor duração (3 a 4 anos). Diferença igualmente importante é o fato de Leach ter uma formação acadêmica muito mais abrangente do que a de Malinowski, o que lhe permitia dominar uma diversidade mais ampla de assuntos com uma maior riqueza de perspectivas.

IV. PAPEL DO GADO NO PENSAMENTO SOCIAL: INTERPRETANDO EVANS PRITCHARD E LÉVI-STRAUSS

A afirmação inicial poderia ser analisada a partir de vários prismas. O primeiro parte de uma perspectiva ecológica próxima do pensamento marxista e que tem em Marvin Harris (vacas, porcos, guerras e bruxas) um de seus principais representantes. Para Harris a natureza, a matéria antepõe-se à cultura e, sendo assim, o gado seria bom porque satisfaria as necessidades alimentares do homem. A organização social e as formas de pensamento concomitantes têm a necessidade de alimento como base. A cultura seria criada, então, *a posteriori*, sobre as vicissitudes da natureza, a qual simplesmente existe.

O segundo prisma, e é esse que nos interessa, parte de uma perspectiva simbólica que poderíamos, de um modo um tanto grosseiro, aproximá-lo ao pensamento hegeliano. Isto porque o filósofo alemão entende que a consciência-de-si do indivíduo – e da coletividade – forma-se a partir do sair do espírito que vai ao encontro do outro eu que não eu (ele). A verdade não se encontra fora da consciência, mas no supracitado que esta faz do objeto apreendido pela consciência. A coisa material é transformada em ideia que, por sua vez, transforma-se na coisa mesma (idealismo absoluto). Essa perspectiva simbólica tem em Lévi-Strauss seu principal expoente e Evans Pritchard como seu seguidor.

Muito embora um fosse Francês e Estruturalista e o outro Inglês de herança Funcionalista, a semelhança encontra-se no fato destes dois autores abordarem a questão do gado como “sendo bom para pensar”, mesmo que o ponto de partida para Lévi-Strauss fosse a análise racionalista das estruturas sociais e Evans Pritchard partisse de uma análise mais empírica. Os dois autores valeram-se de análises sincrônicas das diferentes culturas que lhes serviram como objeto de estudo, e não se interessaram pela origem histórica das estruturas sociais, mas fizeram uma abordagem sincrônica do aqui e agora dos povos estudados.

Lévi-Strauss analisando o pensamento selvagem detém-se nos sistemas de transformações e nos sistemas totêmicos. As interdições ou permissões fagóticas estão ligadas a um plano simbólico. O comer ou não certas espécies alimentares decorre do significado que a cultura lhes atribui e, nesse sentido, “o gado não é bom só para comer, mas também para pensar”. A vida social e individual organiza-se em torno aos elementos culturais significativos. Comer é uma circunstância da natureza que se coloca em um plano inferior ao plano simbólico da cultura. O estruturalista francês em *O cru e o cozido* estabelece a relação entre a cultura e a natureza dizendo que os hábitos alimentares quanto menos elaborados, mais próximos se encontrariam da natureza e, quanto mais industrializados, mais próximos estariam do mundo simbólico.

A pele, as penas, o bico, os dentes podem ser meus, pois são aquilo pelo que o animal epônimo e eu diferimos um do outro; essa diferença é assumida pelo homem a título de emblema e para afirmar sua relação simbólica com o animal, ao passo que as partes consumíveis, por tanto, assimiláveis, são o índice de uma consubstancialidade real (...) (Lévi-Strauss: 1997, p. 124).

Evans – Pritchard em seu trabalho de campo junto aos Nuer descreve amplamente a relação desse povo com os bovinos e deixa claro que “*o gado não é só bom para comer, mas também para pensar*”. Para Pritchard (1999), a dedicação Nuer à arte do pastoreio é inspirada por uma gama de interesses muito mais ampla do que a simples necessidade de alimentos e porque o gado é um valor dominante em suas vidas.

As relações tribais e intertribais: desprezo ou admiração, guerra ou paz são determinadas em função do gado. “A atitude dos Nuer e seus relacionamentos com seus vizinhos são influenciados pelo amor ao gado e pelo desejo de adquiri-lo. Eles nutrem profundo desprezo por povos com pouco ou nenhum gado” (PRITCHARD: 1999, p. 23).

Bois são sacrificados e comidos mesmo que os Nuer não tenham uma criação de gado de corte. O gado além das funções alimentares é apreciado também para ser exibido e pelo prestígio que a sua posse confere. O gado está no imaginário dos Nuer: as combinações de cores do gado, o formato dos chifres, a complexão física,

a quantidade de leite que produz uma vaca, seu comportamento no estábulo, tudo serve de motivo para criar músicas, danças, pois o gado é seu principal objeto de admiração.

O espaço ecológico é determinado, pelos Nuer, a partir da presença ou ausência de gado dos povos vizinhos. A organização territorial e as migrações no período de seca ou de inundações visa a preservação do gado, elemento fundamental de estruturação social.

O tempo é constituído e conduzido pelas atividades pastoris: “o relógio diário dos Nuer é o gado. A hora do dia e a passagem do tempo são para eles, fundamentalmente, a sucessão das tarefas com o gado e a sua relação mútua”. O tempo lunar serve para acompanhar o “tempo bovino”: não há grandes lapsos de tempo, a rotina do dia-a-dia junto ao gado faz pensar o quê e como fazer.

O homem e o gado, entre os Nuer, vivem uma relação simbiótica em que ambos têm funções complementares. O gado dá sentido à vida dos homens: “... quando um Nuer fala de um boi, sua morosidade habitual o abandona e ele fala com entusiasmo”. Toda conversa desse povo termina em assunto sobre bois, estes fazem parte do imaginário coletivo, ou talvez possamos dizer que são o imaginário do povo.

Entre os Nuer, o gado representa, além do uso, uma finalidade cultural que envolve *status*, relações de parentesco, normas de convívio, sistemas de leis, atividade econômica (divisão do trabalho), funções mítico-religiosas, lazer e manifestações artísticas. Tudo isso compõe o imaginário coletivo que leva esse povo a viver em função do gado.

O gado não é apenas um objeto de interesse absorvente para os Nuer, possuindo grande utilidade econômica e valor social, como também vive na mais íntima associação possível com eles. Além disso, sem se levar em consideração o uso, ele é, em si mesmo, uma finalidade cultural, e sua mera posse e proximidade dá ao homem tudo o que ele deseja. No gado concentram-se seus interesses imediatos e suas ambições maiores. Mais do que qualquer outra coisa, o gado determina as ações diárias do homem e dominam sua atenção (PRITCHARD: 1999, p. 50).

Fazendo uma prolongação da citação anterior de Lévi-Strauss ao trabalho de Pritchard, podemos relacionar os elementos do animal epônimo (gado) que são utilizados simbolicamente como: ossos, couro, chifres, escroto de boi, pelos da cauda e a própria posse do gado que são elementos determinantes de prestígio e de *status* social. As partes consumíveis servem para garantir a sobrevivência das pessoas: o leite, o sangue, e

a carne. Embora não seja consumível, o esterco serve como combustível para se aquecer, e suas cinzas são utilizadas em rituais religiosos e como cosmético usado no cabelo.

V. TEORIAS EVOLUTIVAS DE LAMARCK E DARWIN

De acordo com a proposta de Lamarck, a atrofia de partes do organismo devido ao desuso, o desenvolvimento de músculos resultante de exercícios contínuos e o escurecimento da pele sob a ação da radiação solar seriam características que, uma vez adquiridas, tornar-se-iam hereditárias. Exemplos como esses e muitos outros obtidos através de acurado estudo de fósseis marinhos levaram Lamarck à proposição de dois princípios que são os pilares da sua teoria evolucionista.

Segundo o princípio do uso e desuso a utilização continuada de um órgão ou parte do organismo determina o seu desenvolvimento (hipertrofia). Em contrapartida, o desuso resulta em desenvolvimento reduzido (atrofia) ou mesmo desaparecimento de um órgão ou parte do organismo. Conforme o princípio da transmissão hereditária dos caracteres adquiridos as características desenvolvidas através do uso ou do desuso de órgãos ou partes do organismo tornam-se hereditárias com o passar do tempo. Desse modo novas espécies surgem a partir de transformação de outras já existentes.

Vários exemplos ilustram estes princípios e o modo pelo qual permitiriam o aparecimento de novas espécies. Um deles explica a existência de peixes cegos em cavernas. Peixes dotados de visão teriam passado a viver em cavernas onde a inexistência de luz condicionou a atrofia de seus olhos por desuso. Outro exemplo bastante citado é o que busca explicar a existência do longo pescoço das girafas atuais.

Segundo Lamarck, as girafas ancestrais teriam pescoço curto. Mudanças ambientais tornaram difícil a obtenção de alimentos pelas girafas, já que os mesmos passaram a ser encontrados apenas no topo de árvores. A necessidade de alimentos teria obrigado as girafas a um esforço de alongamento do pescoço para alcançá-los. A hipertrofia decorrente do uso permanente dos músculos do pescoço (caráter adquirido) teria sido transmitida hereditariamente por gerações subsequentes, verificando-se progressivo aumento desta parte do organismo. Teria sido desse modo que o pescoço das girafas atingiu o tamanho que atualmente se verifica.

Na sua teoria da evolução das espécies pela seleção natural, Darwin afirma que as populações têm potencial para crescer em progressão geométrica aumentando exponencialmente o número de indivíduos. Todavia, isso não acontece, pois o número de indivíduos de uma mesma espécie, em cada geração, mantém-se

aproximadamente constante. O não crescimento populacional só pode ser explicado por elevada taxa de mortalidade.

A mortalidade elevada explica-se pelo fato de os indivíduos não serem iguais entre si. As variações que apresentam, na maior parte de origem hereditária, podem ou não lhes ser úteis no ambiente onde vivem. Isso representa que alguns se mostram mais capazes do que outros para sobreviver e deixar descendentes. Verifica-se, portanto, uma *luta pela sobrevivência* que é vencida pelos *indivíduos mais aptos, ou seja, que possuem variações que melhor os adaptem ao meio ambiente*; Em síntese, a *natureza seleciona os indivíduos mais aptos*. A esse processo Darwin deu o nome de *seleção natural*.

A ação da seleção natural tem como consequência a sobrevivência dos indivíduos portadores das melhores variações adaptativas em relação ao meio em que vivem. Tais variações, por ser hereditárias, acumulam-se na descendência. O acúmulo de variações ao longo de inúmeras gerações altera de tal forma os indivíduos, que se chega a um estágio no qual surgem descendentes diferentes de seus ancestrais e que constituem uma nova espécie. Através desse raciocínio Darwin explicou como aparecem novas espécies a partir de outras que já existiam.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde suas origens a Antropologia mantém constante diálogo interdisciplinar com ciências como a História, a Sociologia, a Linguística, a Biologia e a Química nos processos de datação de fósseis. O procedimento de coleta de dados em campo, que inicialmente era realizado por pessoas sem qualificação adequada para selecionar os materiais de pesquisa, muitas vezes constituíam relatos fruto da imaginação ou percepções subjetivas e, por isso, foi preciso estabelecer métodos de pesquisa antropológica em que o próprio pesquisador se integrasse ao espaço e pudesse vivenciar o tempo das sociedades objeto de estudo.

A percepção de que não há sociedade em perfeito equilíbrio, pois todas se desenvolvem no espaço e são históricas, surge como uma reação da Escola Inglesa de Antropologia por oposição à Escola Francesa que, no século XIX, trabalhava com modelos ideais segundo estruturas lógicas de pensamento. A diacronia enquanto procedimento de análise, na antropologia britânica, somente serve para entender transformações ocorridas no interior de determinadas sociedades, porém, a construção do conhecimento a respeito de um povo ocorre na sincronia e, portanto, uma localidade estudada num determinado período, provavelmente, não será a mesma quando analisada em outro tempo.

A compreensão das ações humanas como simples atos ecológicos e econômicos constitui uma visão parcial da realidade social, pois cada povo vive seu tempo e seu espaço conforme as idealizações que pela cultura se internalizam na comunidade. Diversos hábitos sociais presentes na indumentária, culinária, dança, rituais religiosos, organização política e econômica, modalidades esportivas, organização do trabalho e divisão de funções na sociedade, entre outro, são definidos pelos processos culturais que emergem com a própria consciência de cooperação e solidariedade entre sujeitos e grupos. Compreender as formas que cada povo tem de perceber a sua realidade, mantendo o respeito pelo outro, permite que sejam constituídos vínculos sociais em que não se perca a identidade, nem sejam criadas sobreposições hierárquicas entre as nações.

REFERÊNCIAS

- [1] DA MATTA, Roberto (Org.). **Edmund Leach**. São Paulo: Ática, 1983. (Grandes Cientistas Sociais; 38)
- [2] DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- [3] LEACH, Edmund Ronald. **Sistemas políticos da alta Birmânia**. São Paulo: Edusp, 1996.
- [4] LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**, 2 ed., Campinas: Papirius, 1997.
- [5] PRITCHARD, Evans. **Os Nuer**, 2 ed., São Paulo: Perspectiva, 1999.
- [6] MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976 (Os Pensadores; v. 43).